



SABERES AFRO-AMERÍNDIOS NA UNIVERSIDADE

AFRO-AMERINDIANS KNOWLEDGE AT THE UNIVERSITY

Carolina Dias Laranjeira¹

Universidade Federal da Paraíba

Renata Kabilaewatala²

Universidade Federal de Goiás

Gabriela Di Donato Salvador Santinho³

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Ana Valéria Ramos Vicente⁴

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: A partir da necessidade de propor a efetivação da inserção epistêmica afro-brasileira e indígena, como forma de superação do racismo epistemológico e de promoção de justiça sócio-cognitiva, no ensino de Artes e na universidade como um todo, apresentamos resultados parciais da pesquisa "Poéticas Afro-ameríndias no ensino superior". No presente artigo pretendemos relatar as experiências de ensino que vem sendo realizadas em três licenciaturas em Dança das instituições UFG, UEMS e UFPB com mestres e mestras de performances culturais indígenas e afro-brasileiras, como o Congado, a Capoeira, o Cavalo Marinho, as Danças Terena e Guarani Nhandeva. As aulas mediadas pelas professoras e autoras deste texto se deram por meio da interlocução com mestres/as que estiveram protagonizando suas metodologias no contexto de sala de aula. Trazemos aqui resultados da experiência de aprendizagem dos/as estudantes,

¹Dançarina e pesquisadora, professora do Departamento de Artes Cênicas e do Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal da Paraíba, tem mestrado em Artes (UNICAMP) e doutorado em Artes Cênicas (UFBA) e é co-líder do Grupo de Pesquisa CosMover: Dança em perspectivas pluriépistêmicas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4025820535884749>. Orcid: orcid.org/0000-0001-7002-4516

²Renata de Lima Silva é Doutora e Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas. Bacharel e Licenciada em Dança, também pela Unicamp. Docente na Universidade Federal de Goiás. Diretora artística no Núcleo Coletivo 22 e capoeirista do Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô (Espaço Cultural Águas de Menino). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9684039080990993>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7551-1468>

³Dançarina e pesquisadora, professora dos cursos de Licenciatura em Dança e em Teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e do Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Diretora artística e coordenadora do "Grupo de Pesquisa em Danças populares Brasileiras Renda que Roda". Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3087559848065820>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4756-137X>

⁴Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, é professora do Departamento de Artes Cênicas da UFPB, Co-líder do Grupo de Pesquisa Cosmover: Dança em Perspectivas Pluriépistêmicas e coordenadora do PET Encontro de Saberes: poéticas e pedagogias afroindígenas na UFPB. Pesquisa Frevo, tradições brasileiras, processos de criação e abordagens somáticas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1898119758852206>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7057-3056>



além de reflexões sobre as metodologias e estéticas destes/as mestres/as como sujeitos-coletivos. Suas presenças e seus modos de ser e fazer arte e educação ancorados em cosmologias afro-ameríndias desestabilizam a monoepistemologia hegemônica que permeia nossas universidades.

Palavras-chave: poéticas afro-ameríndias; encontro de saberes; educação anti-racista; ensino de dança; culturas tradicionais.

Abstract: Based on the need to promote the effective epistemic inclusion of Afro-Brazilian and Indigenous peoples as a means of overcoming epistemological racism and promoting socio-cognitive justice in arts education and at the university level, we present partial results of the research project "Afro-Amerindian Poetics in Higher Education." In this article, we aim to report on the teaching experiences being conducted in three undergraduate dance programs at the UFG, UEMS, and UFPB, with people with acknowledged higher knowledge from traditional cultures of Indigenous and Afro-Brazilian cultural performances, such as Congado, Capoeira, Cavalo Marinho, and the Terena and Guarani Nhandeva dances. The classes, mediated by the professors and authors of this text, were conducted through dialogue with the masters who were embodying their methodologies in the classroom. Here, we present the results of the learning experiences of students, as well as reflections on the methodologies and aesthetics of these masters as collective subjects. Their presence and their ways of being and creating art and education, anchored in Afro-Amerindian cosmologies, destabilize the hegemonic monoepistemology that permeates our universities.

Keywords: afro-amerindian poetics; meeting of knowledges; anti-racist education; dance teaching; traditional cultures.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista, a dificuldade histórica da universidade em dialogar com saberes e fazeres tradicionais de forma não objetificada e a importância desses conhecimentos para construção de novos paradigmas para educação e para as artes, propomos uma pesquisa articulada com ações de extensão e ensino em que mestres e mestras de performances culturais afro-brasileiras e ameríndias atuem na universidade como sujeitos de seus saberes. A pesquisa desenvolvida nos cursos de licenciatura em Dança da UFG (Universidade Federal de Goiás), UEMS (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul) e UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e nos programas de pós-graduação em Performances Culturais e Artes da Cena (UFG), busca romper com a colonialidade dos currículos destes cursos. A proposta é realizar a inclusão de conhecimentos estéticos e poéticos das culturas populares e tradicionais das populações indígenas e afro-brasileiras através de três ações de ensino protagonizadas por mestres/as. Neste artigo relatamos e refletimos sobre a realização destes componentes curriculares em cada uma das universidades.



Interessa compreender como eles e elas trazem saberes artísticos, rituais e políticos de suas comunidades entendendo esses conhecimentos como fundamentais para que o ensino de Artes e a universidade promovam a diversidade, a igualdade racial e a justiça cognitiva. Dessa forma, nossa proposta se alinha com a educação anti-racista e complementa a formação de artistas-professores/as que estarão atuando na Educação Básica tendo experiências consistentes sobre conteúdos relacionados às leis 10.639 e 11.645, que prevê o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Como diz Nilma Lino Gomes (p. 100, 2012), para efetivar a lei 10.639, é necessário descolonizar os currículos da educação básica e superior e requer “Mudanças de representação e de práticas. Exige questionamento dos lugares de poder. Indaga a relação entre direitos e privilégios arraigada em nossa cultura política e educacional, em nossas escolas e na própria universidade”.

As ações de ensino relatadas aqui fazem parte do projeto de pesquisa “Poéticas Afro-ameríndias no ensino superior”, apoiado por edital Universal do CNPQ e coordenado por uma das autoras do texto Renata Kabilaewatala, e se baseiam no Programa Encontro de Saberes, promovido pelo INCTI (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa). O apoio do CNPQ permitiu a remuneração dos mestres e mestras como docentes em nossos cursos. O pressuposto da remuneração é crucial para a devida inclusão dos mestres detentores de saberes na universidade e entendemos que deve haver uma política institucional para que isso ocorra (INCTI, 2015).

Como coloca Carvalho e Vianna (2020, p.30,), “cada experimento, cada encontro de aprendizes/alunos com um certo mestre ou mestra e um certo professor ou professora [...] é um evento exclusivo em forma e conteúdo, com modos próprios de interação”. A configuração das aulas nas três universidades se deu de forma específica e as relações entre os saberes da Dança e das Artes como um todo puderam ser friccionadas com determinados conhecimentos tradicionais. Assim, as aulas foram iniciadas no segundo semestre de 2024, na UFPB, com Mestre Naldinho (Inaldo Ferreira de Lima) de Capoeira Angola e Mestra Tina (Jocilene Cunha da Silva) do Cavalo Marinho. No primeiro semestre de 2025, na UEMS, participaram os mestres Jonatas Moreira, Fernando Moreira, Gilson Tiago e a mestra Sonia Delfino, da etnia Terena e os Mestres Adriano



Belmonte e Roni Ramires, da etnia Guarani-Nhandeva. Na UFG, ocorre no segundo semestre de 2025 com a colaboração dos mestres Capitão André da Congada da Vila João Vaz, mestra Valéria Eurípedes da Congada Treze de Maio, além de participação online do Mestre Silvio do Moçambique de São Benedito (SP) e o multiartista Maurício Tizumba (MG)⁵.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 POÉTICAS EDUCATIVAS DA CAPOEIRA ANGOLA DE MESTRE NALDINHO E DO CAVALO MARINHO DE MESTRA TINA NA UFPB

Os saberes do mestre e da mestra entrecruzam suas trajetórias de vida como moradores do bairro dos Novaes, antigo bairro de João Pessoa, onde se praticam diversas brincadeiras tradicionais. Mestre Naldinho atua como capoeirista desde 1980 e foi formado mestre de capoeira Angola em 1993 por Mestre Nô (Norival de Oliveira). Ele lidera o Grupo Capoeira Angola Comunidade e conduz uma Orquestra de berimbaus desde 1995. Também participa do grupos de Ciranda e Cavalo Marinho liderados por Mestra Tina. Ela, por sua vez, é capoeirista desde 1996 e Contra-mestra do grupo de Mestre Naldinho e, desde 2005, integra a Ciranda do Sol, de Mestre Mané Baixinho e o Cavalo Marinho Infantil Sementes de João do Boi dos quais é a atual mestra.

Logo de início, propusemos a recepção dos mestres cantando uma toada da brincadeira do Cavalo Marinho e ofertando flores, para recebê-los em um ambiente acolhedor, na tentativa de sensibilizar e abrandar a aspereza da sala de aula. Com essa finalidade, também escolhemos a Capela Ecumênica para ser o espaço das aulas. A

⁵ Na UFPB, sob a mediação das professoras Carolina Laranjeira e Valéria Vicente, no componente curricular optativo para os cursos de Dança e Teatro, *Encontro de Saberes: Artes das Brincadeiras*. Na UEMS, sob mediação das professoras Gabriela Santinho, Dora de Andrade Silva e Aline Serzedelo os componentes curriculares ofertados do curso de *Dança e de Teatro, Danças Brasileiras e Processos Criativos, Danças e Expressões Brasileiras, Didática do Ensino da Arte I e Composição Coreográfica I*. Na UFG, foram ofertadas os componentes curriculares *Artes da Cena e Pluriepistemologias: Poéticas e Pedagogias do Currículo*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Artes da Cena, conjugada com *Tópicos Especiais em Performances Culturais* e, ainda, com a disciplina de Núcleo Livre oferecida à graduação, intitulada *Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais*, sob mediação das professoras Renata Kabiliaewatala, Joana Abreu, Marlini Dorneles de Lima com colaboração de Sebastião Rios.



construção redonda com grandes portas e paredes vazadas por cobogós, localizada ao lado de um dos focos de mata preservados pela universidade, dialogou com a organização espacial da Capoeira e permitiu estarmos quase sempre em roda.

Na roda ou em frente à bateria da Capoeira ou à orquestra do Cavalo Marinho praticamos movimentos como Ginga, Cocorinha, Resistência, Esquiva lateral, Negativa, rolê, Meia lua e Meia lua de compasso da capoeira, ao som dos toques de berimbau, pandeiro, agogô, reco-reco e atabaque. Praticamos também diferentes padrões de pisadas e tombos do Cavalo Marinho, em cordões (fileiras) sem ou com deslocamentos que espiralam junto com o espaço, com ou sem arcos de fitas coloridas, ao som da rabeca, do pandeiro, do reco-reco e do triângulo.

As aulas práticas eram entrecortadas por conversas, por vezes, iniciadas por uma contação de história, seja ficcional ou real. As histórias como recurso didático faziam a turma emergir em um estado de fruição estética. Numa dessas histórias, que se tornou livro (LIMA; SILVA, 2025), Mestre Naldinho associa a musicalidade e os sons dos instrumentos da capoeira e seus toques com a anunciação de um bebê que vai nascer. O berimbau maior e de som mais grave é uma mulher grávida que avisa que haverá um novo rebento. Com esta história se aprende que o jogo é fruto de uma coletividade e de sua ancestralidade e também o quão fundamental é ter uma bateria afinada, com energia vibrante, para se ter um jogo bonito.

Já as histórias de vida contadas por Mestra Tina geravam um estado de alerta, de atenção crítica, como por exemplo, quando nos conta de sua dificuldade e de outros mestres em ter acesso aos recursos das políticas culturais da cidade, como sofrem discriminação por serem de classe social de baixa renda. A violência de Estado sofrida por ela revela questões políticas e sociais implicadas em uma estrutura racista e classista em que os produtores das culturas populares e tradicionais se encontram ainda nos dias de hoje. Realidade de uma população periférica descendente de africanos e indígenas que produzem beleza e riqueza cultural, assim como muitos dos estudantes da UFPB.

Saberes de vida e de artes que se encontram entrelaçados também com aspectos espirituais ao dançar o maculelê que o mestre relacionou aos caboclos dos terreiros de candomblé ou ao pintar o rosto de preto de Mateus e Birico, personagens do Cavalo Marinho, transfigurando uma relação entre ator e entidades.



As aulas foram finalizadas por roda de capoeira e uma brincadeira de Cavalo Marinho. Houve a produção de um seminário tendo os mestres como palestrantes para dar visibilidade acadêmica às suas atuações no ensino. Além disso, os estudantes escreveram cartas, que serviram também como avaliação, endereçadas aos estudantes da UFG e da UEMS para contar como a experiência com os mestres os afetaram e quais foram seus aprendizados. Um meio de construir pontes com as experiências que seriam ainda vividas por outros estudantes com outros mestres. Nas cartas as pessoas expressaram o quanto se sentiram acolhidas, sensibilizadas, despertadas pela complexidade dos saberes dos mestres e repletas de vitalidade. Outro produto gerado que serviu de ponte entre as universidades, foi o documentário criado pela bolsista estudante do curso de Cinema, Renatha Aragão⁶.

2.2 MESTRES E MESTRAS TERENA E GUARANI-NHANDEVA NA UEMS

A presença dos Mestres e Mestras indígenas das etnias Terena e Guarani-Nhandeva foi um marco importante para os cursos de Licenciatura em Dança e em Teatro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, que se situam no segundo estado de maior população indígena do Brasil e que possui muitos acadêmicos e acadêmicas indígenas. Embora mestres e mestras indígenas de diversas etnias já tenham sido convidados e convidadas a participarem de aulas, ministrarem palestras e darem oficinas, essa foi a primeira vez em que foi possível aprofundar os saberes transmitidos e remunerá-las por seus trabalhos.

Com essa perspectiva, desde a aprovação oficial do Projeto junto ao CNPq, uma articulação importante foi realizada entre os cursos em questão e as aldeias através do CIMI- Conselho Indigenista Missionário de Mato Grosso do Sul - e também através dos alunos e egressos indígenas dos cursos, o que facilitou o contato, o convite e a efetivação na universidade.

⁶ Para ter acesso ao documentário Baião de Dois: Mestre Naldinho e Mestra Tina na UFPB, acesse o link: <https://www.youtube.com/watch?v=MhG6zKOL0lc>



Além dessa articulação, todo o corpo docente de ambos os cursos se envolveram com o projeto, adequando calendários e planos de ensino para que o mesmo pudesse ser realizado da melhor maneira, resultando em um envolvimento coletivo de estudantes, docentes e coordenação. Deste modo, participaram oficialmente das ações do projeto três componentes curriculares e três professoras e, extra-oficialmente, em aulas e ações pontuais, mais outros três docentes e três disciplinas.

O projeto aconteceu no primeiro semestre de 2025 e, por se tratar de mestres e mestras que são de aldeias distantes da cidade de Campo Grande, as ações foram concentradas em três blocos de oito horas cada. O primeiro bloco foi realizado pelos mestres Guarani-Nhandeva e o rezador Sr. Adriano e seu aprendiz Roni, da aldeia Pirajuí (na cidade de Paranhos, que fica a 492 km de Campo Grande) trouxeram dez jovens aprendizes que passaram seus saberes espirituais e culturais através da reza e da dança de sua aldeia.

Os Guarani-Nhandeva pertencem ao tronco linguístico Tupi-Guarani, habitam a fronteira entre Mato Grosso do Sul e Paraguai e vivem majoritariamente em regiões de conflitos de terra, onde tentam preservar sua cultura e modo de vida, apesar dos constantes conflitos.

Os mestres Guarani-Nhandeva optaram por compartilhar com os estudantes os aspectos espirituais que permeiam sua cultura e sua dança e o rezador, Sr. Adriano, iniciou os trabalhos com uma dança ritualista para proteger o território onde se encontra a universidade e para limpar os caminhos para que as ações acontecessem tranquilamente. Junto aos estudantes ele rezou, cantou e o grupo de jovens que o acompanhou dançou durante o ritual. Como o Sr. Adriano não fala português, seu aprendiz, Roni, traduziu os ensinamentos que se pautaram nas premissas e sentidos espirituais do povo Guarani-Nhandeva.

A opção de trabalhar os aspectos espirituais das danças e da cultura em questão despertou discussões a respeito de corpo, espiritualidade e natureza, além de inaugurar para os alunos um modo de aprendizado “não professoral”, mas a partir da observação silenciosa, atenta e sensível, proposta pelos Mestres.

O segundo bloco da realização do projeto na UEMS foi realizado pelos mestres Terena da aldeia Lagoinha (da cidade de Aquidauana, que fica a 140 Km de Campo



Grande). O povo Terena é um povo do tronco linguístico Aruak, que vive espalhado em Mato Grosso do Sul, mas com maior concentração na região de Miranda e Aquidauana (região pantaneira), e também com aldeias em Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia e Nioaque. Vale destacar que existem muitas aldeias urbanas na cidade de Campo Grande com uma significativa presença da população Terena, o que dá a essa população maior acesso às universidades.

Os três mestres e a mestra que participaram da ação optaram por uma metodologia mais próxima do que os acadêmicos conhecem, uma vez que todos são professores nas escolas de sua aldeia. O Mestre Gilson apresentou a história de seu povo e o significado do grafismo Terena. O Mestre Fernando apresentou histórias, mitos e lendas de sua aldeia, mostrando aos alunos a importância da oralidade na transmissão de saberes de seu povo. A mestra Sônia fez, junto com os acadêmicos, uma receita de bolinho tradicional de sua etnia, o hihi (bolinho de mandioca cozido) e, por último, o Mestre Jonatas ensinou o significado e a movimentação das danças masculinas e femininas de sua aldeia.

Para a finalização do projeto foi realizada uma culminância em um encontro entre acadêmicos, professores e mestres de ambas as etnias onde todos puderam dançar juntos e compartilhar sensações, impressões e aprendizados a partir dessa experiência. Os acadêmicos também escreveram cartas sobre a experiência, endereçadas aos acadêmicos da UFG e da UFPB e compuseram pequenos estudos coreográficos a partir dos atravessamentos do projeto, que expandiu a importância da presença desses mestres e mestras na universidade e abriu muitas novas possibilidades de metodologias, de pesquisa e que continua reverberando em todos os participantes.

2.3 O CAMINHO PARA O ENCONTRO COM O REINADO (UFG)

No momento de escrita deste artigo (2025.2), estão em andamento os componentes curriculares que abrigam os saberes tradicionais com a participação de mestres. A proposta de reunir, em um mesmo espaço-tempo, três componentes curriculares distintos busca promover a integração entre programas de pós-graduação relacionados ao campo da Arte e, também, entre a graduação e a pós-graduação. Além



disso, considerando que a disciplina de Núcleo Livre corresponde a uma carga horária obrigatória que pode ser cumprida em qualquer unidade da universidade, esse arranjo favorece o encontro entre estudantes de diferentes cursos de graduação.

Além do encontro entre discentes, a proposta possibilita também a presença conjunta de docentes dos cursos de Teatro, Dança e de Ciências Sociais, citados na introdução. Essa configuração docente se amplia ainda mais com a colaboração de mestres/as do Reinado, pois as possibilidades pedagógicas ao articular campos como a cena, a dança, ciências sociais e saberes tradicionais instauram um ambiente de diálogo interdisciplinar. Mais do que somar professores em um mesmo espaço, trata-se de instaurar uma dinâmica de co-docência em que diferentes perspectivas se entrelaçam, possibilitando a emergência de metodologias compartilhadas, experimentações conjuntas e reflexões críticas que atravessam tanto os conteúdos quanto os modos de ensinar e aprender.

O enfoque da proposta em desenvolvimento na UFG, tem como principal foco o Reinado, também conhecido como Congado ou Congada. O Reinado é uma expressão cultural afro-brasileira performática, comunitária e de forte aproximação com o catolicismo popular, que articula canto, dança, ritual e oralidade como formas de resistência, celebração e transmissão de memória ancestral. Conforme afirma Leda Maria Martins (1997), ao analisar o Reinado e como prática afrodiaspórica, essa manifestação não se reduz a um evento folclórico ou religioso, mas constitui-se como ato performativo de rememoração. Neles, a memória não é entendida apenas como preservação do passado, mas como atualização viva de saberes ancestrais que se reinscrevem no presente por meio do corpo, da música, da palavra e da festa.

Nesse sentido, o Reinado é uma prática cultural, que na qualidade de performance é locus de produção de conhecimento, um território de elaboração estética e política, no qual se entrelaçam pedagogias comunitárias, memórias coletivas e formas de resistência frente às tentativas históricas de apagamento. Como destaca Martins (1997), ao mesmo tempo em que celebra, o Reinado reinscreve no espaço público a presença negra e afirma uma epistemologia própria, enraizada no corpo, no canto e na espiritualidade.

Infelizmente, para a disciplina, não foi possível garantir a presença continuada dos/as mestres/as. Todavia, investimos em *vivências mediadas de aproximação*,



conforme elaborado por Joana Abreu (2020, p.173), “todos os momentos em que, em sala de aula ou em outros ambientes da universidade, as turmas de discentes tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar elementos dos saberes e fazeres tradicionais estudados, com a mediação docente”. Há assim a aproximação dos saberes e fazeres tradicionais por meio de práticas (canto, dança e conto) e fruição de material áudio-visual de forma mediada.

Para integrar essa primeira proposição foram convidados o mestre Capitão André da Congada da Vila João Vaz e a mestra Valéria da Congada 13 de maio que, sendo residentes do estado de Goiás, farão ao todo 4 encontros presenciais.

Além do encontro com os mestres um outro importante procedimento metodológico da proposta é a visita de campo, que acontecerá na 56ª Festa da Congada da Vila João Vaz. Além do mestre e da mestra goianos, considerando a importância que o Reinado exerce no sudeste brasileiro, convidamos para participações on-line, Mestre Silvio do Moçambique de São Benedito-SP e o multiartista mineiro Maurício Tizumba que encerra o semestre.

Na UFG, o semestre foi iniciado com um ponto de Moçambique, entoado antes mesmo da apresentação do plano de curso. A intenção era mobilizar o corpo, o coletivo e a poética afro-ameríndia desde o primeiro momento, instaurando a experiência antes da explicação. Esse gesto inaugural — cantar, mover-se, compartilhar um ponto de tradição oral — operou como chave de abertura para a disciplina, deslocando a lógica usual que privilegia a explicação conceitual em detrimento da vivência. Em seguida, após a apresentação do plano de curso, exibimos para a turma um vídeo produzido a partir da experiência realizada na UFPB. O trabalho, cuidadosamente elaborado, pareceu despertar o interesse dos/das estudantes em envolver o corpo não apenas como suporte da aprendizagem, mas como território de saberes e memória.



Além dos relatos de Mestre Naldinho e Mestra Tina, a turma goiana também teve acesso, no segundo dia de aula, a três cartas escritas por estudantes da disciplina realizada em João Pessoa. A proposta de compartilhar essas cartas, conforme já mencionado, busca não apenas estabelecer conexões entre os três estados envolvidos, mas também estimular a futura escrita de cartas como parte do processo avaliativo e de síntese da disciplina. A expectativa é que ao longo da disciplina possamos também ter acesso às cartas escritas por discentes da UEMS.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de realizada em três diferentes estados do Brasil, a proposta já apresenta convergências quanto a seus benefícios e engajamento pela comunidade universitária, o que reafirma o potencial do diálogo interepistêmico com mestres e mestras das culturas afro-ameríndias como elemento necessário e transformador das pedagogias e epistemologias da universidade brasileira.

Além do encontro entre discentes, seja entre graduandos e pós-graduandos, seja entre estudantes de diferentes cursos, a proposta possibilita também a presença conjunta de docentes de diferentes áreas e departamentos. Seja de forma institucional ou como ouvintes, o fato é que em todas as universidades houve uma coabitação de docentes em torno das ações pedagógicas com os Mestres e Mestras convidados. Estar em uma mesma sala de aula, compartilhando experiências e perspectivas, permitiu não apenas o cruzamento de saberes disciplinares distintos, mas também a construção de um espaço efetivamente transdisciplinar e a confabulação de como cada encontro pode impactar as ações docentes posteriormente.

A interação entre as turmas, através das cartas produzidas em cada universidade, amplia o tecido das composições de conhecimento que estão sendo tecidas e a consciência do impacto das experiências nas subjetividades envolvidas. Até o presente momento, as experiências das aulas confirmam a riqueza e diversidade de saberes que cada mestre ou mestra carrega, redefinindo as noções de Arte e de Dança, que extrapolam a noção de linguagens artística e exige novos aparatos perceptivos, sensoriais e acordos coletivos. Estes apresentam conteúdos e maneiras de ensinar e



aprender baseadas em suas cosmologias, que rompem o caráter fragmentário e disciplinar dos conteúdos de artes e nos dão perspectivas metodológicas, mais inclusivas, criativas e imbricadas por estéticas e éticas necessárias para uma formação técnica-criativa e politicamente engajada.

Em cada experiência, saberes filosóficos, mitológicos, poéticos, técnicos e criativos se entrelaçam com fundamentos cosmológicos que não separam a materialidade do corpo e do território (que pode ser corpo também) e os fazeres artísticos dos aspectos espirituais. Isso tudo, por sua vez, não está apartado da luta por direitos, ou pelo acesso a políticas. Pensamos que a formação de um professor ou professora de Artes ou de um ou uma artista, também não deve ser separada de questões como essas que os mestres nos ensinam ao cantar, dançar, tocar e produzir outras artes.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Jorge de; VIANNA, Letícia C. R.. O encontro de saberes nas universidades. Uma síntese dos dez primeiros anos. *Revista Mundaú*, n. 9, p. 23-49 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/11128/8551>. Acesso em 01/04/2024.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, p. 98-109, Jan/Abr, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR E NA PESQUISA (INCTI/UNB/CNPQ). Encontro de Saberes: Bases para um diálogo intepistêmico (Documento Técnico). Brasília, 2015.

LIMA, Inaldo Ferreira de; SILVA, Jocilene Cunha da. *lêeeeeeee: o grito da capoeira-menina*. João Pessoa: Edtóra/Sociedade da Prensa, 2025.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

OLIVEIRA, Joana Abreu Pereira de. *Rodas e cortejos de aprender e criar: saberes e fazeres tradicionais na formação de artistas-docentes da cena*. 2020. 263 f. Tese (Doutorado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.